

## UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIOPOLÍTICAS DOS ESCRITORES INTELLECTUAIS: JOÃO UBALDO RIBEIRO E MIA COUTO

Ângela Cristina Antunes CONCEIÇÃO<sup>1</sup>

**RESUMO:** A questão das representações do intelectual com a sociedade, com o poder, com a mídia e com as instituições tem sido amplamente discutida em diversas áreas das Ciências Humanas: Filosofia, Sociologia, Literatura, História, etc. Na Literatura, os reflexos desse fenômeno são responsáveis por uma série de implicações, tanto esteticamente quanto socialmente, como aponta Benjamin Abdala Junior (2003), de que a trajetória artística produtiva engajada exige sempre uma inserção subjetiva com que o escritor busca reciclar formas estabelecidas. Seu imaginário, para tanto, não se afina com o dogmatismo. Se os percursos são os historicamente possíveis, materializam na escrita aspirações subjetivas que, dialeticamente, não são apenas suas, mas de toda uma coletividade. Desse modo, o objetivo deste trabalho centra-se na leitura comparativa das ficções Vila Real do escritor brasileiro João Ubaldo Ribeiro e Vinte e Zinco do moçambicano Mia Couto, a fim de refletir sobre as representações e os impasses da função do escritor intelectual, cujo compromisso com a sociedade é baseada na proposta de ação e reflexão.

**PALAVRAS-CHAVE:** representações do intelectual; João Ubaldo; Mia Couto; sociedade.

Edward Said, em seu livro intitulado *Representações do intelectual - As conferências Reith de 1993*, ao traçar um panorama da atuação dos intelectuais em todas as esferas da vida social, afirma que o papel do intelectual moderno<sup>2</sup> é questionar as normas vigentes; e isso “porque precisamente as normas dominantes estão, hoje, de maneira muito íntima, ligadas à

---

<sup>1</sup> USP, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas – Av. Professor Luciano Gualberto, 403 - Cidade Universitária, São Paulo, SP - CEP: 05508-900- E-mail: [angelaantunes@usp.br](mailto:angelaantunes@usp.br)

<sup>2</sup>, SAID, Edward W. *Representações do intelectual - As conferências Reith de 1993*. São Paulo, Companhia das Letras, 2005, p.47.

nação, e esta é sempre triunfalista, está sempre numa posição de autoridade, sempre exigindo lealdade e subserviência em vez de investigação e reavaliação intelectuais...”

No entanto, o termo “**intelectual**” é bastante complexo e recebe as mais variadas definições e abordagens, logo, etimologicamente, derivado do latim “*intelléctuális*” e “*intelligentsia*” relativo a “*inteligência*”, e, do ponto de vista teórico, indo além desse epíteto, os intelectuais não se caracterizam por sua elevada inteligência, mas sim por sua posição no conjunto das relações sociais.

Said (2005), além de reconhecer o intelectual como um indivíduo que deve ser comprometido com o que diz, por ser dotado de uma vocação para representar, dar corpo e articular uma mensagem, um ponto de vista, uma atitude filosófica ou opinião para (e também por) um público, nos aponta que isso envolve ousadia e vulnerabilidade, compromisso e risco, já que se expõe e é reconhecido publicamente. A função do intelectual seria causar embaraço, “ser do contra e até mesmo desagradável” cuja figura pública o condena a ser coerente também na sua vida pessoal, de maneira que ser intelectual é uma responsabilidade pública, mas também, um modo de viver.

Antonio Gramsci<sup>3</sup> também aborda um conceito mais amplo de intelectual sobrepondo ao entendimento popular que o intelectual não está somente ligado só com os assuntos do intelectual e da razão, assim, o intelectual é todo homem. Porém, só alguns assumem a função de intelectual como todo aquele que cumpre uma função organizadora na sociedade

---

<sup>3</sup> GRAMSCI, Antonio. *Os Intelectuais e a Organização da Cultura*. 7ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.

e é elaborado por uma classe em seu desenvolvimento histórico (desde um tecnólogo, um administrador de empresas até um dirigente sindical ou partidário) sem esquecer os intelectuais tradicionais, como os membros do clero e da academia (instituições que precede o modo capitalista da produção).

Dessa forma, o título de “intelectual verdadeiro” só pode ser concedido àquele que se dedica as grandes questões do seu tempo, dos pobres, dos oprimidos, dos destituídos do poder, por sua vez, é aquele que ao dialogar para fora do âmbito das academias e das universidades, tem um olhar atento e crítico que se passa além dos muros corporativos, ainda que coloca a sua “ferramenta de trabalho”: a formulação teórica, o discurso, a reflexão e o ensaio reflexível sejam bastante a favor da existência humana, e muito pouco a favor de sua própria profissão, assim conforme postula Said (2005, p.15), o intelectual é “como um exilado e marginal, como amador e autor de uma linguagem que tenta falar a verdade ao poder”.

Como num jogo dialético, o intelectual participa dos conflitos do seu tempo e supera os seus interesses imediatos e narcisistas, por conseguinte, passa a defender os interesses gerais da humanidade, que são também seus interesses, logo, contribuirá com a emancipação humana.

Nesta perspectiva, o escopo deste trabalho é estabelecer um estudo analítico do ponto de vista comparativista dos romances Vila Real de João Ubaldo Ribeiro e Vinte e Zinco de Mia Couto para interpretar como se concretiza a representação dos escritores intelectuais João Ubaldo e Mia Couto nas narrativas citadas. Consideramos que o engajamento literário

serve a uma causa, é uma arte de desvelamento, de denúncia, de crítica e de combate às estruturas do poder. Conforme assinala Abdala Junior<sup>4</sup>:

Seu engajamento real não pode permanecer na intenção de engajamento e ele se efetiva no texto artístico, numa articulação com a “ciência” e a “arte” dos temas relativos às carências de seu povo. Ele precisa ser verdadeiramente dialético para compreender a heterogeneidade de toda práxis, por mais específica que ela possa se lhe afigurar. Sem reduções, seu texto colocará em evidência conexões dialéticas, em interações contextuais (internas ou externas ao sistema literário) ou situacionais (internas ou externas em termos referenciais). São formas que, na perspectiva dialética, estariam sempre na tensão do inconcluso, do vir-a-ser, ao tematizar o preconceito nas narrativas estudadas.

Segundo Candido<sup>5</sup>, a Literatura é como uma reapresentação e reconstrução do mundo dialeticamente por meio da linguagem e da tradição cultural, ao mesmo tempo, é um processo simbólico de comunicação inter-humana, em que pressupõe um comunicante, no caso o artista, um comunicado, a obra, um comunicando, que é o leitor a quem se dirige. Assim sendo, artista, texto literário e leitor formam um todo relacionado de um processo comunicativo que forma o último elemento desse processo: o efeito da obra literária.

Antonio Candido (2002) assevera que a literatura é social porque sofre a ação do meio e exerce influência sobre ele, por conseguinte, o autor destaca que ela exprime representações individuais e sociais que transcendem a situação imediata, inscrevendo-se no patrimônio do grupo. Sobretudo, a grandeza de uma literatura, ou de uma obra, depende da sua relativa

---

<sup>4</sup> ABDALA JUNIOR, Benjamin. *De vôos e Ilhas. Literatura e Comunitarismos*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 116.

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade – Estudos de teoria e História Literária*. São Paulo, T.A. Queiroz. Editor, 2002, p.22.

intemporalidade e universalidade, e essas dependem por sua vez da função total que é capaz de exercer, desligando-se dos fatores que a prendem a um momento determinado e a um determinado lugar.

Em seu livro *Cultura e Política*, Edward Said (2003, p. 29) também atribui ao escritor um papel simbólico como um intelectual que testemunha a experiência de um país e considera como uma identidade inscrita para sempre na agenda discursiva global. Ao considerar os escritores como intelectuais coletivos conforme a noção de Bourdieu, Said (2003, p.27) defende que são indivíduos cuja soma de trabalhos de pesquisa e participação em assuntos comuns constituem uma espécie de coletivo, desse modo, os escritores intelectuais são aqueles que contribuem de forma significativa na construção de condições sociais à produção coletiva de utopias realistas.

Para Said (2003, p.39), o papel dos intelectuais é oferecer leituras alternativas e outras perspectivas da história, diferentes daquelas oferecidas pela memória oficial, que segundo o autor, “tendem a trabalhar em termos de falsas unidades, da manipulação de representações distorcidas ou demonizadas de populações indesejadas ou excluídas.”

Quando o escritor recria modelos da realidade em uma trajetória dialética, ainda, constrói um contexto histórico e social para nele inserir personagens envolvidos em situações mais ou menos típicas, ou seja, procura criar representações construídas e não descrições naturais da realidade. Ao propor difundir sua abstração de mundo o escritor exprime, explicitamente ou não, uma determinada posição ideológica por meio da palavra, em um processo de reprodução ou transfiguração da realidade.

Nas obras *Vila Real* e *Vinte e Zinco*, percebemos que seus escritores passam a se dedicar ao trabalho intelectual, sem sombra de dúvida, configuram-se como escritores engajados, pois retratam e trabalham com as questões políticas, sociais e históricas que caracterizam a sociedade brasileira e moçambicana, desse modo, os autores exercem as representações do intelectual, como bem assinala Benjamin Abdala Junior<sup>6</sup>, há um diálogo, embutido nas formas literárias que circulam entre os países de língua portuguesa, e a literatura comparada, nesta perspectiva, mais do que o estudo de dois ou mais escritores de diferentes literaturas, dois ou mais textos dispostos lado a lado, se mostra campo fértil para a discussão de uma questão crítica mais abrangente e que envolve as duas culturas.

De várias formas, João Ubaldo e Mia Couto assumem com maestria a sua função de intelectual não só pela construção ficcional das suas narrativas que nos interrogam, e ao mesmo tempo, respondem sobre as nossas indagações, mas também, por tornar a nossa leitura, uma leitura de vida, de sentimentos: de dor, de angústia, de tristeza, de lembranças, de esperanças, enfim até de alegria.

Entendemos que o engajamento literário de João Ubaldo e Mia Couto, trabalham, paralelamente, logo, as obras ficcionais escolhidas não se têm apenas o reflexo da sociedade, mas sim a busca de um engajamento consciente do artista/intelectual em que se revela uma visão mais ampla e integrada do ser humano, é a ação reformadora da consciência com a finalidade de desvelar o universo da existência humana e dos problemas

---

<sup>6</sup> ABDALA JUNIOR, Benjamin. “*A literatura, a diferença e a condição intelectual*” – versão para apresentação no congresso Abralic – Rio, Ensaio estudado no Curso de Pós-Graduação na disciplina: Clássicos da Literatura e Cultura nos Países de Língua Portuguesa 2006.

sociais do homem do campo ou da cidade, injustiçado e humilhado por estruturas sociais assimétricas

A escritura desses autores funciona como busca e reconstrução de identidades. As vozes, brasileiras e moçambicanas, representadas pelas personagens estudadas, são singularmente recriadas, que encararam, lutaram e resistiram a uma realidade marcada pelo sofrimento e opressão, como enfatiza Said (2005, p.01), a tarefa do intelectual é universalizar de forma explícita os conflitos e as crises, dar maior alcance humano à dor de um determinado povo ou nação, associar essa experiência ao sofrimento de outros.

Vila Real<sup>7</sup>, o quarto livro de João Ubaldo Ribeiro - publicado em 1979, tem o enredo substancial em desvendar a condição do homem do sertão brasileiro, o escritor tematiza basicamente a luta do homem do sertão nordestino brasileiro pela terra, ao flagrar o processo de espoliação de que se depara o grupo de posseiros liderados por Argemiro, este desenvolveu uma crescente resistência a esse processo brutal de dominação.

Sobre o enredo de Vila Real, o crítico Ceccantini (1999) diz:

Nesse “conto militar”, como indica o epíteto apostado ao título da obra por seu autor, o leitor é inserido já desde o primeiro capítulo na refrega sangrenta entre as forças de Argemiro e as de Genebaldo, o primeiro, representando os espoliados de terra; o outro, o poder oficial e instituído que se coloca ao lado dos “novos proprietários”, que predizem “o progresso”. À medida que se seguem os capítulos, vai-se revelando o conflito central que desencadeia a narrativa – a chegada de uma companhia estrangeira de mineração à cidade de Vila Real e a expulsão brutal e violenta dos habitantes do local, com base “nos papéis que

---

<sup>7</sup> RIBEIRO, João Ubaldo. *Vila Real*. São Paulo, Nova Fronteira, 1979.

guardavam em seus barracões gelados” os que se arvoraram como novos donos da terra. Coloca-se, assim, de maneira direta a questão da identidade nacional, vazada de novo sob um prisma eminentemente político. Ao longo do livro, num movimento de zigue-zague temporal e espacial, o leitor é levado a acompanhar a trajetória de Argemiro e o grupo de sertanejos por ele liderado na luta pela reconquista de Vila Real.

Já, o antepenúltimo romance publicado de Mia Couto, intitulado *Vinte e Zinco*<sup>8</sup>, foi escrito a pedido da Editora Caminho em comemoração dos 25 anos do aniversário da Revolução dos Cravos em Portugal a fim de lembrar os 25 anos de aniversário de 25 de abril, data em que Portugal comemora a queda da ditadura salazarista. Entretanto, o que Mia Couto nos apresenta nessa “comemoração lusófona” as marcas indeléveis da colonização portuguesa sobre o povo moçambicano. Assim, Mia Couto não tem muito a comemorar, ou seja, o preconceito, vítimas, conflitos, dúvidas, medo, crenças, culpas, ressentimentos, poder e submissão, são sentimentos que estão incorporados tanto no imaginário dos colonizados como nos dos colonizadores, contudo de modo divergente.

A partir do título irônico, *Vinte e Zinco*, Mia Couto enfatiza que os sentidos da Revolução revelam pontos de vistas divergentes para os dois locais - um de onde se fala (Portugal) e outro sobre o que se fala (Moçambique) como, ainda, mostra Mia Couto na epígrafe introdutória do livro: “- Vinte e Cinco é para vocês que vivem nos bairros de cimento. Para nós, negros pobres que vivemos na madeira e zinco, o nosso dia ainda está por vir”.

---

<sup>8</sup> COUTO, Mia. *Vinte e Zinco*. Portugal, Editorial Caminho, 1999.

Como intelectual, Mia Couto admite também, em entrevista ao *Jornal de Letras de Lisboa*<sup>9</sup>, a idéia utópica desse outros vinte e cinco que aparece na primeira epígrafe da obra:

O 25 de Abril não é uma data nossa, de Moçambique. Só indirectamente. O nosso 25 é outro, o de Junho (de 27), a data da independência. (...) O nosso 25 ainda está por vir, por isto este é os vinte e zinco, porque eu ainda continuo a morar numa casa de madeira e zinco. O título tem a ver com isto e com o modo como o 25 de abril foi vivido em Moçambique. Não como uma data de ruptura, como aqui, porque lá a ruptura só se dá um ano e pouco depois.

O discurso de João Ubaldo Ribeiro, em Vila Real, ao tematizar a guerra não se concentra somente na possibilidade de defender a terra, pois já no enunciado inaugural “Este é um conto militar”, revelar-nos a busca de defender a questão nacional e a afirmação da brasilidade:

– Sim – disse Argemiro. – Eu penso assim: eu penso que o nosso povo antes de tudo deve ficar vivo. Deve comer e deve ficar livre de tiros e sangrias. Pois, se você dá valor ao que lhe digo acompanha a gente até esse lugar aonde vamos e lá esse que se diz filho de Lourival Alemão nos encontrará com seus reforços. Se por acaso ele mentiu, pelo menos lá vamos morrer perto de onde muitos dos nossos filhos nasceram e onde muitos dos nossos velhos foram enterrados. (Vila Real, p. 22)

Vamos guerrear. Por quê? Porque tudo isto é uma discordância. O possuir já em si é incorrimento em falta, pois nada foi dado a ninguém, senão a todos. (...) Alguém resolve que não quer o outro. Alguém aceita ser o outro? Pois então, pois não aceitamos ser o outro e o outro é a cara estranha que estala no meio dos matos. Quem herdou, quem nasceu primeiro? E, quando cada um de nós chegar ao chão, matando inutilmente a obra de Deus, que Deus nos perdoe. que há comida nesta terra para você e para mim e eu matei você ou você me matou por falta de comida...(Vila Real, p. 75)

Ainda, a narrativa de Ubaldo está centrada em busca de uma conscientização do leitor, que nos é apresentado por meio do discurso metafísico do protagonista iletrado Argemiro:

---

<sup>9</sup> COUTO, Mia. *Antes de tudo, a vida. Entrevista a Rodrigues da Silva*. *Jornal de Letras*. Lisboa, 10 mar., 1999, p.07.

Meninos, meninos, carreguem o que aprenderam e não deixem que lhes tirem nada dessas coisas, pois tudo o que vem de fora com muito boa fala transforma vocês em desconhecidos, tudo isso é coisa mal aconselhada. Pontos, pontos. Ponto final. (Vila Real, p. 71)

Quero dizer uma coisa: a morte é a vida e a vida é a morte. Quero que se lembrem. Antes, o padre falou que o reino não é deste mundo. Agora eu falo que não é deste nem daquele. Falo que o reino é onde se encontre a paz. A vida é a morte e a morte é a vida. Vamos repetindo, a vida é a morte e a morte é a vida. Portanto, disse Argemiro, não vamos distinguir. Cada homem tem o direito de escolher sua vida e, quando escolhe sua vida, está escolhendo sua morte. Cada homem tem o direito de escolher sua morte e, quando escolhe sua morte, está escolhendo sua vida. Quero que todos entendam. Só existe o branco porque existe o preto. Só existe o bom porque existe o mau. Só existe o rico porque existe o pobre. Vamos repetir: a vida é a morte e a morte é a vida. E, mais, que somos iguais aos peixes, porque, se você fosse peixe, você não ia cuspir dentro da água em que vive, junto do seu irmão peixe. (Vila Real, p.156)

Desse modo, ao tratar das lembranças da infância e da existência humana do homem sertanejo que valoriza a família, o trabalho, a religião, a terra, a vida e a honra por meio da fala de Argemiro, percebemos que João Ubaldo utilizou-se da oralidade e do coloquial recriando magistralmente a linguagem do homem sertanejo.

Caracterizado como um intelectual engajado nas questões sociais e tensões políticas do Brasil, Ubaldo retoma a Guerra de Canudos para enfatizar o aspecto épico da narrativa, sobretudo a fim de conduzir às reflexões da problemática de uma historicidade local, em suas ações e contingências: - Vamos lá nesta marcha perfilados. Nós vamos brigar. E assim como em Canudos só houve respeito depois da morte geral, aqui também que seja assim. (Vila Real, p. 74)

Por outro lado, Vila Real é qualificada como uma narrativa engajada também por meio do uso da linguagem dramática e ideológica expressa no discurso do Padre Bartolomeu:

Assim, tem sido em todos os combates em que Vossa face se mostrou por entre os montes do céu e Vossa visagem aterrorizou os homens. Dos exércitos, ouvi a nossa prece. A morte não é nada além do que o Vosso regaço. Portanto, não é a morte que este povo teme, mas a injustiça, pois a morte só confirma a Vossa obra e a injustiça faz por desmenti-la. Portanto não haverá injustiça sob os Vossos olhos, salvo quando o arbítrio de uns homens e a mesquinharia de uns outros consigam que Vossa cara se arrependa de Vossa obra. Senhor das batalhas, ouvi a nossa prece. E assim que raie do infinito a vitória do Vosso povo, pela força da Vossa vontade. Seja feita a Vossa Vontade. (Vila Real, p. 89-90)

Por sua vez, a trajetória do Padre Bartolomeu no enredo Vila Real legitima o papel do intelectual na sociedade, não apenas de testemunha, mas como um instrumento de denunciar as causas dos oprimidos, as diversas formas de dominação, reprodução da exploração e opressão: fome, miséria, subsistência, doenças etc:

De fato, havia injeções para dar àquele menino moribundo, injeções estas que o arrancariam do abismo negro e dos escuros da morte temporã. Mas, no outro dia, novamente a doença voltaria a assomar à porta de todos, pois a culpa era do governo, era da existência, era de todas as coisas. Eu, sendo médico, não sou santo. Sendo brasileiro, não vivo de brisa, mas do dinheiro que me pagam. Ele não sofre dor, disse o médico, ele já morreu, embora ainda tenha respiração e talvez ainda escute algum barulho. Padre Bartolomeu sentiu o corpo pequeno pesando nos braços. Não é minha culpa, disse o médico. Mas como pode o senhor, disse o padre, como pode o senhor ver essas coisas? Se eu não visse, disse o médico, haveria mais quem visse. Se eu não existisse, era tudo a mesma coisa. Então o padre lhe rogou a seguinte praga: vá pastar. Vá pastar as margaridas e os trevos e as palmas, para sempre vá apostar, fuçando no meio dos capins. Levo este menino de volta como quem leva vida, embora eleve a morte. E que suas injeções sejam como as agulhas dos quipás, lhe espinhando o seu espírito. (Vila Real, p. 48)

Assim, o padre Bartolomeu, embora assassinado, passa de serviçal do poder e passa a crítico do poder, portanto, esta é a função do intelectual que supera os seus interesses imediatos, passa a defender os interesses, a ansiedade e esperança do homem.

Por sua vez, adentrar na narrativa de Mia Couto, *Vinte e Zinco*, implica lembrar o processo histórico moçambicano (a colonização), o sistema (o colonialismo), bem como os diferentes posicionamentos sobre a complexidade da questão colonial no país. Nesse sentido, de um lado, encontramos uma experiência de sofrimento do exilado de estar longe da pátria a fim de defender a nação portuguesa, e de outro, o estranhamento que o português sente em relação à cultura africana:

Se percebe que aquela dança não é européia. É ritmo africano. A mulher branca se balança como se seu corpo albergasse o mundo dos outros. Dona Margarida se apercebe da afronta. Urge criar desatenção. Ela se empenha em ser mãe: cumpre o ritual, casaco em riste para abrigar o filho. Um gesto brusco fez saltar o casaco.

– Ela foi outra vez às lagoas! (*Vinte e Zinco*, p.22-23)

Tudo nele estava errado: a raça, a condição, a política. Ainda por cima um injusticeiro, autêntico junta-brasas. O homem tinha ingressado nas tropas colônias – em vez de cumprir fidelidades à pátria lusitana ele encontrou lá uma outra pátria: Moçambique. Veio contaminado por essa doença – sonhar com futuros e liberdades. (*Vinte e Zinco*, p. 56)

Por outro lado, evidenciamos que Mia Couto enfoca em sua narrativa a questão da luta contra o colonialismo português por meio das falas das personagens: o mulato Marcelino e Andaré Tchuisco, por conseguinte esse romance constitui uma reflexão permanente sobre a história do seu país e dos sentimentos humanos, assim como metaforiza as utopias e à busca da identidade:

**Marcelino:** A política, caro tio, só é perigosa quando a vida é ainda mais perigosa. (Vinte e Zinco, p. 37)

– Você quer fazer a revolução, Marcelino, está certo. Mas para qual finalidade?

– Para dar melhor vida a meus filhos. (Vinte e Zinco, p. 41)

**Andaré:** Tio Custódio, o senhor nunca sonhou em ver Moçambique independente? (Vinte e Zinco, p. 39)

– Agora na vem nenhuma mulher. Me responde: nunca sonhou?

– Sonhou o quê?

– Nisso que Marcelino sempre fala, nós a mandar na nossa terra. (Vinte e Zinco, p.40)

Sobretudo, do princípio ao fim, Mia Couto, ao tecer a sua narrativa, configura-o como um diário que inicia em 19 de abril e vai até 30 de abril, contudo esse registro é plural da nação moçambicana, pois ao relatar as pequenas histórias individuais – da Jessumina, da Irene, do Custódio, da dona Margarida, do próprio Andaré, do Lourenço de Castro, etc., esse escritor engajado denuncia os sentimentos atroztes como a tortura, a culpa, a dor, o medo relativo ao conflito colonial por meio da memória:

Os gritos de Lourenço ecoam n corredor. A mãe corre, sem pressa. Traz um copo de leite na mão. Já sabe que se passa quando se debruça sobre filho. – Outra vez o pesadelo? (...) Os tambores. Não os ouve? (Vinte e Zinco, p. 19)

O que dá estranheza na guerra é que ela não nos ai da memória, de tal modo que dela não recordamos exactamente nada. É como se a memória fosse, faz conta, um mapa dos sítios que na há. (Vinte e Zinco, p. 56)

O tom memorialístico marca toda a narrativa, assim Mia Couto introduz uma epígrafe nos doze capítulos da obra por meio de uma estrutura diarística, que não assume somente a função de introdução sobre o que será narrado, mas também uma forma de desvelamento dos dramas coloniais. Logo, o discurso epigráfico denota criticamente sobre os terrores da guerra e os procedimentos arbitrários dos dominadores em Moçambique:

O torturador necessita da vítima para criar verdade nesse jogo a duas mãos que é a fabricação do medo. Dos cadernos de Irene. (Vinte e Zinco, p. 13)

Toda a terra ficará branca com a luz das estrelas e o céu será engolido pelas andorinhas. Shaka Zulu a dingane, seu assassino. (Vinte e Zinco, p.67)

Nossa tristeza é a seguinte: ganhámos sem nunca chegarmos a ser vencedores. Voz de Marcelino, vinda do seu último chão. (Vinte e Zinco, p. 99)

Mia Couto, em Vinte e Zinco, ao mesclar literatura e história, ficção e memória, procura reconstruir, de forma imaginativa e engenhosa, figuras e acontecimentos relevantes da cultura moçambicana. No discurso dessa reconstrução esses entrelaçamentos, ao longo da narrativa, o escritor aborda reflexões acerca da etnia, das discriminações sociais, costumes, religião e folclore que englobam a sociedade moçambicana:

Dizia-se que, durante um sonho, ela fora avisada: estava destinada. Em breve, iria receber o espírito do nzuze e desaparecer nas águas do lago Nkuluine. Na semana seguinte, Jessumina entrou na lagoa e sumiu nas suas águas durante sete anos. Nunca mais ninguém soube dela. Lá no fundo do lago, o povo do lago lhe ensinava os segredos de um outro saber. Ninguém chorou por ela, ninguém mais sequer comentou o assunto. (Vinte e Zinco, p. 49)

– Nunca mais os ponha a secar no jardim. Alguém está a usar aquilo contra seu filho. São os métodos da nossa gente. (Vinte e Zinco p. 52)

Além disso, Mia Couto focaliza que nem a Igreja Católica é eximida da tirania portuguesa:

Absorta, Margarida quase choca com o canhão à entrada da igreja. Puseram-no ali, desde que houve rumores de que a vila seria invadida pelos guerrilheiros. Nunca mais o tiraram. A guerra é vaidosa: se ostenta mesmo nos lugares onde se diz ser a exclusiva moradia da paz. (Vinte e Zinco, p. 58)

O próprio Mia Couto nos revela o seu compromisso como intelectual <sup>10</sup>, o escritor moçambicano tem uma terrível responsabilidade perante todo o horror da violência, da desumanização, ele foi testemunha de demônios que os preceitos morais contêm em circunstâncias normais. Ele foi sujeito de uma viagem irrepetível pelos obscuros e telúricos subsolos da humanidade. Onde outros perderam a humanidade ele deve ser um construtor da esperança. Se não for capaz disso, de pouco valeu essa visão do caos, esse Apocalipse que Moçambique viveu.

A partir dessas análises, consideramos João Ubaldo Ribeiro e Mia Couto como escritores engajados e intelectuais por meio da criação literária discursiva de suas narrativas citadas, em que tem sido um espaço privilegiado da construção e afirmação da identidade, por conseguinte, o engajamento literário se manifestou por tensões dialéticas, visto como um instrumento de transformação social que insiste em desconstruir o discurso do opressor/colonizador.

Por meio de perspectivas intelectuais e engajadas, João Ubaldo e Mia Couto promovem em suas ficções o amalgamento da realidade e ficção, pois as suas personagens representam vidas que estão impregnadas de impressões históricas e sociais.

Sendo assim, a literatura de João Ubaldo, em Vila Real, é marcada pelo engajamento político, sem se tornar panfletária, e tal como ressalta João Ubaldo na capa do livro:

---

<sup>10</sup> In: SECCO, Carmem Lucia Tindó Ribeiro. *“Alegorias em abril: Moçambique e o sonho de um outro vinte e cinco (uma leitura do romance vinte e cinco do escritor Mia Couto)”*. Via Atlântica, n.03, dez. 1999, p.114.

Procuro, basicamente, fazer uma literatura vinculada às minhas raízes, independente, não colonizada, comprometida com a afirmação da identidade brasileira. Procuro explorar a língua brasileira, o verbo brasileiro e através dele, contribuir pra o aguçamento da consciência de nós mesmos, brasileiros. Sou contra as letras, a contrafação o elitismo. Acho que o principal problema do escritor brasileiro é à busca da nossa linguagem, do nosso fabulário, dos nossos valores próprios.

Do mesmo modo, Mia Couto, como escritor engajado e intelectual, traça um enredo marcado realisticamente pelo terror e violência da dominação do colonizador português, em território moçambicano, contudo ao finalizar o romance, o autor trabalha com uma metáfora: “E sente que a prisão, a cada pincelada, se vai dissolvendo a pontos de total inexistência. Como se o pincel que empunhasse fosse areia, na mão do vento, apagando pegadas no deserto”. (COUTO,1999, p.101) , ou seja, este trecho nos revela que o romance é um enigma aberto a infinitas significações à espera de um outro vinte e cinco, ou seja, a utopia da construção de um país mais justo e digno para os moçambicanos, ou seja, é um romance cheio de esperanças.

É, portanto, conforme as palavras de Secco (1999, p. 114), a narrativa “Vinte e Zinco, focalizando o crepúsculo do salazarismo, embora denuncie a ferocidade da polícia política ainda maior nos últimos anos do regime, deixa, ao término da leitura, uma certa dose de esperança e de poesia, metaforizadas pela figura do cego Tchuisco Andaré personagem que apesar de não ver com nitidez em virtude de ter os olhos desbotados e azulecidos.”

Portanto, o escopo das propostas literárias de João Ubaldo e Mia Couto não são somente estéticas, mas também giram em torno da evocação e da provocação de uma realidade da

qual também fazem parte, assim, com o objetivo de interpretar os traumas da sociedade brasileira e moçambicana.

Desse modo, podemos concluir que, como artistas intelectuais, esses escritores utilizam seus romances como um eficaz instrumento de representações de idéias quando nos faz refletir nos aspectos humanos que estão sendo articulados a uma condição histórica determinada por diversificados testemunhos. Os dois escritores partilham ideais, visões de mundo, utopias, a busca e afirmação de identidades e de culturas. Entretanto, partilham mais do que tudo, o amor que exprimem pela sua pátria e pelo povo.

### **Referências bibliográficas**

ABDALA JUNIOR, Benjamin. De vãos e Ilhas. Literatura e Comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

\_\_\_\_\_. “A literatura, a diferença e a condição intelectual” – versão para apresentação no congresso Abralic – Rio, Ensaio estudado no Curso de Pós-Graduação na disciplina: Clássicos da Literatura e Cultura nos Países de Língua Portuguesa 2006.

CANDIDO, Antonio. Literatura e Sociedade – Estudos de teoria e História Literária. São Paulo, T.A. Queiroz. Editor, 2002.

CECCANTINI, João Luís C.T. “Brava gente brasileira”. In: Cadernos de Literatura Brasileira - João Ubaldo Ribeiro. São Paulo, Instituto Moreira Salles, n. 07, 1999.

COUTO, Mia. Vinte e Zinco. Portugal, Editorial Caminho, 1999.

\_\_\_\_\_. Antes de tudo, a vida. Entrevista a Rodrigues da Silva. Jornal de Letras. Lisboa, 10 mar., 1999.

GRAMSCI, Antonio. Os Intelectuais e a Organização da Cultura. 7ª ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1989.

RIBEIRO, João Ubaldo. Vila Real. São Paulo, Nova Fronteira, 1979.

SAID, Edward W. Cultura e Política. São Paulo, Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_ Representações do intelectual - As conferências Reith de 1993. São Paulo, Companhia das Letras, 2005.

SECCO, Carmem Lucia Tindó Ribeiro. In: Alegorias em abril: Moçambique e o sonho de um outro vinte e cinco (uma leitura do romance vinte e zinco do escritor Mia Couto). Via Atlântica, n.03, dez. 1999.